

24,43
reais
3/1/11

PREÇO DA AÇÃO DA PETROBRAS

A PETROBRAS DESCEU A RAMPA

O valor da empresa caiu quase à metade do que era quando Dilma colocou a faixa presidencial, e ela se tornou símbolo da má gestão da presidente

ROBSON BONIN E MALU GASPAR

A crise da Petrobras só não se encaixa na definição de tempestade perfeita sobre o Planalto porque a campanha presidencial de 2014 ainda não começou e há uma Copa do Mundo a separar o Brasil de hoje daquele que vai às urnas em outubro. Seis meses em política é uma eternidade, e o que parece hoje uma cápsula de cianureto para os planos de reeleição de Dilma Rousseff pode ir se diluindo até sobrar apenas um sal amargo, desagradável, mas digerível pela opinião pública. Pelo menos essa é a esperança do governo. A da oposição é a de que os poços de escândalos da Petrobras sejam muito mais profundos e ricos em notícias cada vez mais intoxicantes para Dilma e sua candidatura.

A situação na semana passada era desastrosa para as duas Dilmas, a presidente e a candidata, que se confundem na percepção do eleitor. Essa confusão é boa quando as coisas fluem com serenidade e péssima quando a maré contrária é muito forte. É o caso de Dilma Rousseff neste momento. Tudo parece conspirar coordenadamente contra a presidente, até, espantosamente, ela própria ao chamar atenção para o episódio da compra da refinaria de Pasadena, que se tornou, perante a opinião pública, sinônimo de um prejuízo de 1 bilhão de dólares para o Brasil.

O caso Pasadena parecia perdido entre camadas de outros desgovernos que, embora mais destrutivos, eram mais fáceis de explicar e, portanto, mais difíceis de ser explorados eleitoralmente pela oposição. Fala-se aqui do rombo de centenas de bilhões de reais cavados no setor energético pela tentação populista de Dilma de obrigar as empresas a fornecer eletricidade a um preço abaixo do custo de produção e a Petrobras a importar gasolina cara e vendê-la mais barato aos distribuidores. Perto do prejuízo produzido pela política desastrosa de segurar artificialmente o preço da luz e da gasolina, empalidece a perda com a compra da refinaria do Texas. Na Petrobras viraram pó mais de oitenta Pasadenas em valor de mercado e trinta Pasadenas em prejuízo financeiro pelo subsídio à gasolina e ao diesel. Na Eletrobras queima-

ram-se quase sete Pasadenas em valor de mercado.

Circula a versão de que a estratégia de Dilma era reabrir o caso Pasadena agora e, assim, minimizar sua exploração pela oposição na fase de debates da campanha eleitoral. Se foi isso mesmo, ela deu um tiro no pé, outros no peito e, quem sabe, um de misericórdia na própria cabeça. Os escândalos da Petrobras anteciparam o julgamento pelos investidores da capacidade de governar de Dilma. A sentença foi dura. Ela se traduz pela seguinte equação: basta Dilma cair nas pesquisas para que aumente a disposição do mercado de investir no Brasil. Na semana passada, uma pesquisa CNI/Ibope mostrou uma queda de 7 pontos percentuais na aprovação do governo. O resultado imediato foi um dia de forte alta na Bovespa (3,5%) com ganhos extraordinários para as ações da Petrobras (8%), da Eletrobras (10%) e do Banco do Brasil (6%). O recado do mercado foi inequívoco e cristalino: o governo não é parte da solução, o governo é o problema. Diz Ricardo Corrêa, diretor da Ativa Corretora: "Sem a intervenção política do governo, a Petrobras e a Eletrobras são investimentos de enorme potencial. A Petrobras, em alguns anos, vai se tornar uma das maiores empresas de petróleo no mundo".

À sentença imediata da Bovespa de reprovação do governo Dilma, acopla-se

Dilma desce, a Petrobras sobe

A Petrobras perdeu metade de seu valor desde o início do atual governo. Mas, nas últimas semanas, com a piora da avaliação da presidente nas pesquisas de opinião dos eleitores — e o aumento da chance de vitória da oposição —, as ações da empresa subiram mais de 20%



15,57
reais
27/3/14



PESCOÇO A PRÊMIO

Dilma quer entregar a cabeça de diretores da Petrobras para estancar a crise



DILMA SAMPAIO/ESTÁDIO CONTEÚDO

Especial

o julgamento, igualmente negativo, da visão de mundo da presidente no campo econômico. “É um equívoco enxergar aqui a queda de braço entre o governo popular e o cassino financeiro interessado apenas no lucro fácil e estéril. Essa é uma visão ideológica e míope. A hostilidade ao mercado inibe investimentos, empobrece o país e diminui a oferta de empregos de qualidade”, alerta a Carta ao Leitor desta edição de VEJA. A ideia central do governo Dilma vem sendo aquela segundo a qual, por definição, os empresários são pessoas de ambições desmedidas que só pensam em acumular fortunas à custa da exploração do povo e da facilidade de acesso aos cofres públicos.

A equação “Dilma cai, a bolsa sobe” reflete a insatisfação de quem investe com essa concepção simplista do governo. O investidor quer lucro, sim, mas, ao buscá-lo em um ambiente de negócios saudável, de competição justa e regulação sábia do governo, ele aumenta a riqueza nacional, gera empregos de alta qualidade e até melhora a arrecadação de impostos. As reações da semana passada mostram que em outubro estarão em julgamento pelas urnas os resultados sofríveis da gestão estatizante e intervencionista do governo Dilma e as propostas mais modernas e arejadas do mineiro Aécio Neves e do pernambucano Eduardo Campos. Como governadores de seu estado, Aécio e Campos fizeram tudo ao contrário de Dilma, obtendo não apenas ampla aprovação popular, mas um estoque vistoso e irrefutável de políticas públicas da mais alta qualidade. O eleitor será apresentado pela oposição na campanha presidencial a resultados obtidos com transparência e meritocracia e que apontam para a revalorização das agências reguladoras, o fim do intervencionismo na economia, a volta do planejamento e das parcerias



PROSPECTANDO NEGÓCIOS

Responsáveis por gerir um orçamento em torno de 100 bilhões de reais, as principais diretorias da Petrobras no governo Lula foram ocupadas por pessoas indicadas por políticos e pelos partidos aliados



FOLHAPRESS

PT **GABRIELLI**
(Presidente)



FOLHAPRESS

GRAÇA FOSTER
(Gás e energia)



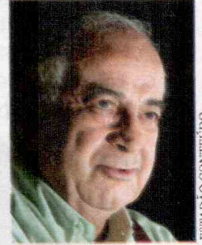
AGÊNCIA PETROBRÁS

RENATO DUQUE
(Serviços)



AGÊNCIA PETROBRÁS

PAULO ROBERTO COSTA
(Abastecimento)



ESTADÃO CONTEÚDO

GUILHERME ESTRELLA
(Exploração e produção)



PODEROSO

Suspeito de envolvimento com pagamento e recebimento de propina e lavagem de dinheiro, o ex-diretor da Petrobras Paulo Roberto Costa, preso pela polícia, mantinha ligação direta com políticos em Brasília

CRISTIANO MARIZ



JONATHAN CAMPOS/AG. GAZETA DO POVO

SUPERFATURAMENTO

O governo teme as investigações do ministro José Jorge, do Tribunal de Contas da União, sobre a polêmica compra da refinaria de Pasadena

com o setor privado. Enfim, a oposição vai se abastecer dos equívocos e escândalos dos doze anos de governo ideológico e assistencialista, de política externa subalterna aos interesses de Argentina, Venezuela e Cuba.

A presidente Dilma Rousseff reagiu e está tentando reconstruir pontes com empresários e banqueiros para, assim, reconquistar a credibilidade perdida. Ao mesmo tempo, ela terá de responder pe-

la corrupção na Petrobras e lidar com a possibilidade de instalação de uma CPI no Congresso para esquadriñar os contratos firmados pela empresa. "A situação está fora de controle. Será muito difícil para o Planalto segurar as rédeas do processo", diz um conselheiro presidencial. O governo desdenha da capacidade investigativa dos parlamentares, mas teme o trabalho que está sendo feito por auditores do Tribunal de Contas da União

(TCU), sob a coordenação do ministro José Jorge, que estão de posse de indícios de aumento artificial do preço da refinaria de Pasadena. Foi justamente a preocupação com o TCU que levou Dilma a se adiantar e esclarecer, há duas semanas, que, na qualidade de presidente do conselho da Petrobras, só aprovou a compra por ter se baseado, como é de costume nes-

ses casos, em um resumo executivo que omitia cláusulas ruinosas para a empresa brasileira. Dilma ainda terá de explicar, porém, por que, tendo se dado conta da lambança de Pasadena em 2008, quando era ministra-chefe da Casa Civil de Lula, não deu um basta na transação, não mandou abrir uma sindicância nem cobrou a punição dos culpados. A Petrobras, sem dúvida, será um dos temas, se não o tema central da campanha eleitoral de 2014. Por enquanto, ela dá a cada dia mais munição aos oposicionistas. A empresa tem um ex-diretor, Paulo Roberto Costa, preso pela Polícia Federal suspeito de lavagem de dinheiro. Tem outro, Nestor Cerveró, demitido por contraditar a versão da presidente Dilma a respeito da compra de Pasadena. Internamente a Petrobras investiga o diretor José Antônio de Figueiredo e seu antecessor, Guilherme Estrella, suspeitos de receber propina paga por uma fornecedora holandesa da Petrobras.

A sindicância da Petrobras sobre Pasadena foi anunciada, na semana passada, com quase seis anos de atraso.



BLOOMBERG

ALMIR BARBASSA
(Financeiro)



AGÊNCIA PETROBRAS

NESTOR CERVERÓ
(Internacional)



AGÊNCIA PETROBRAS

JORGE ZELADA*
(Internacional)



*Substituiu Cerveró no cargo em 2008

O CLIENTE

Velho conhecido da polícia, o doleiro Alberto Youssef lavava dinheiro desviado de obras públicas e usava suas empresas para ocultar pagamentos de propina

Conforme VEJA revelou na última edição, o então procurador-geral da Fazenda Nacional, Luís Inácio Adams, enviou um e-mail, em julho de 2008, para a então secretária executiva da Casa Civil, Erenice Guerra, à época o braço-direito de Dilma. No texto, Adams destacava que a diretoria executiva da empresa havia aberto uma auditoria para identificar os responsáveis pela “falha no procedimento” e apurar eventuais prejuízos na compra da refinaria. A auditoria nunca foi aberta.

O governo Dilma culpa o governo Lula por isso, ao alegar que a antiga diretoria da empresa teria agido de forma corporativa, preservando os próprios integrantes. O fato é que estavam em jogo não apenas os nomes dos executivos, mas interesses políticos graúdos. Entre os padrinhos da antiga cúpula da Petrobras estão o presidente do Senado, Renan Calheiros, e o mensaleiro José Dirceu. Paulo Roberto Costa, por exemplo, atendia a uma confederação de partidos (veja a entrevista abaixo). Indicado inicialmente pelo mensaleiro José Janene (PP), passou a prestar serviços para senadores peemedebistas e deputados do PT.

Essa turma tentou mantê-lo na Petrobras, mas foi derrotada pela presi-



dente da empresa, Graça Foster, que demitiu o diretor depois de dizer, em conversas reservadas, que ele “se locupletava” no cargo. Além de participar de forma decisiva da operação de compra da Refinaria de Pasadena, Paulo Roberto Costa foi protagonista do projeto de construção da Refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco. Era o principal responsável na Petrobras pela obra, cujo orçamento passou de 2,5 bilhões

para 20 bilhões de dólares. Aqui também a oposição tem chance de prospectar reservas de alto valor energético em uma eleição. Uma pergunta a ser feita a Dilma e a Lula é por que eles recusaram a proposta da Arábia Saudita de construir a refinaria Abreu e Lima financiando 100% do valor da obra. Em vez da segura e transparente oferta da Arábia Saudita, o governo petista optou pela aventura bolivariana de fazer a

“Problemas” e “soluções”

Ex-ministro das Cidades no governo Dilma, o deputado Mário Negromonte (PP-BA) conta que o ex-diretor da Petrobras Paulo Roberto Costa, preso pela Polícia Federal, era um homem acima de qualquer suspeita. Cordial, ele frequentava, em Brasília, a casa de líderes do PP, o partido responsável por sua indicação. Atencioso, ouvia relatos dos “problemas” de alguns parlamentares. Prestativo, estava sempre “disponível”. Essa combinação de virtudes fazia do ex-diretor uma figura especial, cortejada...

Como era a relação de Paulo Roberto com o PP? Quem indicou o Paulo Roberto, na época, foi (José) Janene (ex-líder do PP, morto em 2010).

Mas o Paulo Roberto tinha um relacionamento muito bom no Congresso com todos os partidos, PMDB, PT, PP...

De onde veio essa relação? Ele comandava uma diretoria muito importante. Havia muitos interesses. Todo mundo tinha um problema.

Problema? Por exemplo: havia um deputado que tinha posto de gasolina. Outro tinha uma usina de álcool. Então a gente tinha contato direto com a Petrobras para falar.

Mas agora ele está preso... Isso foi uma surpresa muito desagradável para a gente. Ninguém esperava um negócio desse.

Quem era o principal interlocutor de Paulo Roberto? Quem tinha contato direto com ele era o presidente Lula. É isso que a gente sabe.

Onde eram os encontros com o ex-diretor? Aqui em Brasília. Eu só estive na Petrobras uma vez. Houve encontros na casa dos deputados José Janene (PR), João Pizzolatti (SC) e Luiz Fernando (MG). Acho que Paulo Roberto pode ter ido à minha casa. Não sou muito de fazer festa.

A CONSULTORIA

Vice-presidente da Câmara, o petista André Vargas aparece nas investigações da polícia trocando mensagens com o doleiro Youssef: “Como tenho muita influência no partido, ele queria saber o que estava acontecendo na política, na economia. Mas só isso”



SERGIO LIMA/FOLHAPRESS

DIDA SAMPAIO/ESTADÃO CONTEÚDO

refinaria em sociedade com a PDVSA, de Hugo Chávez. A PDVSA pulou fora e deixou o governo brasileiro sozinho no negócio, que virou o escândalo de superfaturamento que a Polícia Federal agora investiga. Ao dismantelar um esquema bilionário de lavagem de dinheiro, a PF descobriu que o doleiro Alberto Youssef atuava como operador financeiro de Costa. Um operador devotado, que registrou numa planilha o recebi-

mento de uma “comissão” de 7,9 milhões de reais, que, segundo a polícia, teria sido paga pela Camargo Corrêa. A empreiteira é uma das responsáveis pela obra da Refinaria Abreu e Lima. Costa seria o beneficiário de ao menos parte dessa propina.

Outro negócio da Petrobras está na mira da PF. Foi aberto neste mês um inquérito para investigar a negociação da refinaria de San Lorenzo, na Argentina,

em 2010. A Petrobras vendeu a planta por 110 milhões de dólares. Segundo denúncia do lobista e ex-dirigente da estatal João Augusto Henriques, ligado ao PMDB, 10 milhões de reais iriam para os intermediários, que repassariam ao menos 5 milhões a deputados do partido. Esse caso provoca apreensão no Congresso. Como pano de fundo, o eterno embate entre PT e PMDB. “É conversa de mafioso, com revólver em cima da

O que se discutia nessas reuniões? Era um bate-papo, para mostrar prestígio, que a gente tinha um diretor. Não era nada específico. Ele também frequentava a casa de outros deputados, do PMDB, do PT.

Qual partido tinha mais ascendência sobre ele? Teve briga com o PMDB, que se dizia padrinho dele. A briga era com o Renan (*Calheiros*), Eduardo Cunha, Henrique Eduardo Alves.

Disputavam o apadrinhamento? Por causa de poder.

ADRIANO CEOLIN



ANDRÉ COELHO/AG. O GLOBO

É MESMO?!...

Mário Negromonte: reuniões com o ex-diretor da Petrobras serviam, no máximo, para resolver problemas de parlamentares donos de postos de gasolina

Especial

mesa. Se o PMDB resolver criar caso, a gente conta quem lucrou com cada operação”, diz um influente petista.

Entre os mais assustados com a investigação das irregularidades na Petrobras e seus enredos paralelos, figura o deputado André Vargas (PT), vice-presidente da Câmara. A Polícia Federal já descobriu que o petista, assim como Paulo Roberto Costa, tinha estreita relação com o doleiro Youssef, aquele que lavaria as propinas recebidas nas obras da Petrobras. Vargas e Youssef são amigos, moram na mesma cidade (Londrina, no Paraná) e, segundo os agentes, conversavam com frequência. Em mensagens de celular e telefonemas, combinavam encontros em aeroportos, postos de gasolina e até na casa do próprio deputado. Vargas, veja só, alega que dava conselhos sobre finanças e investimentos ao amigo, um notório conhecedor dessas engrenagens, cujo nome figura em histórias policiais há mais de uma década. “Ele me procurava para avaliar investimentos, colher informações, trocar ideias.” É esse tipo de promiscuidade que preocupa a presidente e anima os opositoristas. Aécio Neves nunca teve tanta visibilidade nacional como agora, momento em que articula a CPI da Petrobras. O rebaixamento da nota de crédito do Brasil e os descalabros da Petrobras animaram Eduardo Campos. No programa do PSB em rede nacional de TV, na quinta-feira passada, ele elogiou os tucanos pela estabilidade econômica e os petistas pela inclusão social. Mas atacou a gestão da Petrobras, a má condução na economia e o aparelhamento do Estado. Assistiu ao programa com aliados e ficou satisfeito. “Eu vou ganhar esta eleição. E, se a Dilma continuar me ajudando, ganho no primeiro turno.” ■

COM REPORTAGEM DE ALANA RIZZO
E MARCELO SAKATE

DISCURSO AFINADO

Para Eduardo Campos, a CPI da Petrobras é uma oportunidade de ele finalmente se apresentar como candidato de oposição

A PETROBRAS NO FUNDO DO POÇO

As suspeitas de corrupção na maior empresa brasileira



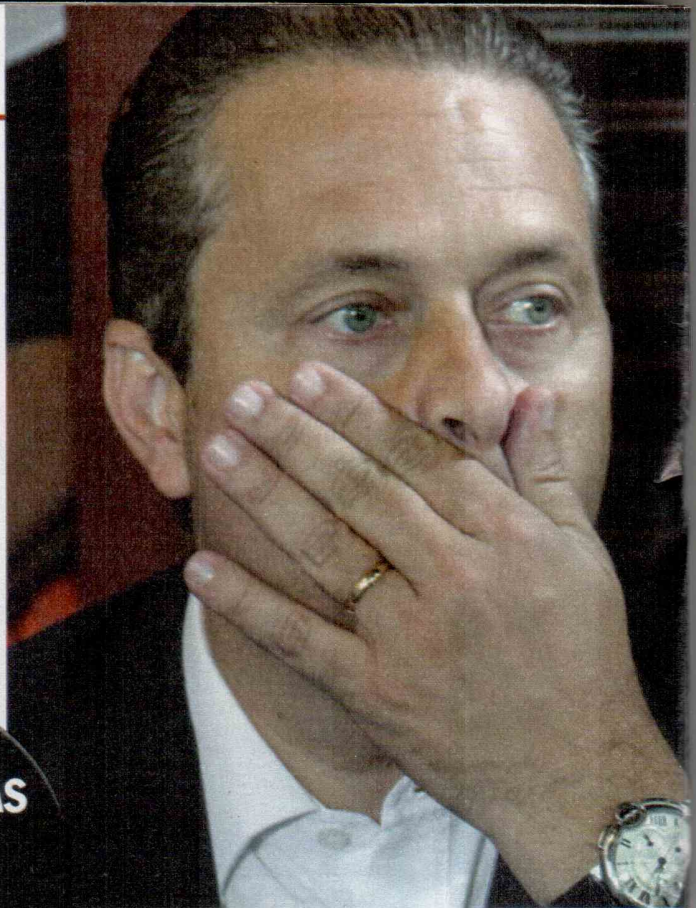
SBM

Uma auditoria da empresa holandesa, fabricante de plataformas marítimas de exploração de petróleo, detectou pagamentos de propina de **30 milhões de dólares** no Brasil para conseguir contratos na Petrobras, que somam mais de **9 bilhões de reais**



Pasadena

A estatal comprou em 2006, por **360 milhões de dólares**, metade de uma refinaria que um ano antes havia sido vendida por apenas **42,5 milhões de dólares**. Uma briga com a sócia, a empresa belga Astra Oil, elevou a conta do negócio para mais de **1 bilhão de dólares**



LINHA DE FRENTE

Aécio Neves foi o principal articulador da criação da CPI da Petrobras; agora quer usar a investigação para se tornar mais conhecido pelo eleitorado

DIEGO NIGRO/JC IMAGEM

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS



Abreu e Lima

Orçada inicialmente em **2,5 bilhões de dólares**, a refinaria em Pernambuco já está em **20 bilhões de dólares** e é investigada pelo TCU sob suspeita de superfaturamento. O então diretor de Abastecimento, Paulo Roberto Costa, tinha uma procuração que lhe dava poderes totais para cuidar da obra. Ele foi preso na semana retrasada, e a PF investiga se recebeu pagamento de propina por meio de um doleiro

San Lorenzo

A PF abriu um inquérito para investigar a denúncia de que a venda da refinaria na Argentina, por **110 milhões de dólares**, teve pagamento de uma comissão de **10 milhões de dólares** a lobistas que intermediaram o negócio – dos quais **5 milhões** iriam para políticos do PMDB que lotearam cargos na estatal



FOTOS AGÊNCIA PETROBRÁS E YASUOSHI CHIBA/APF